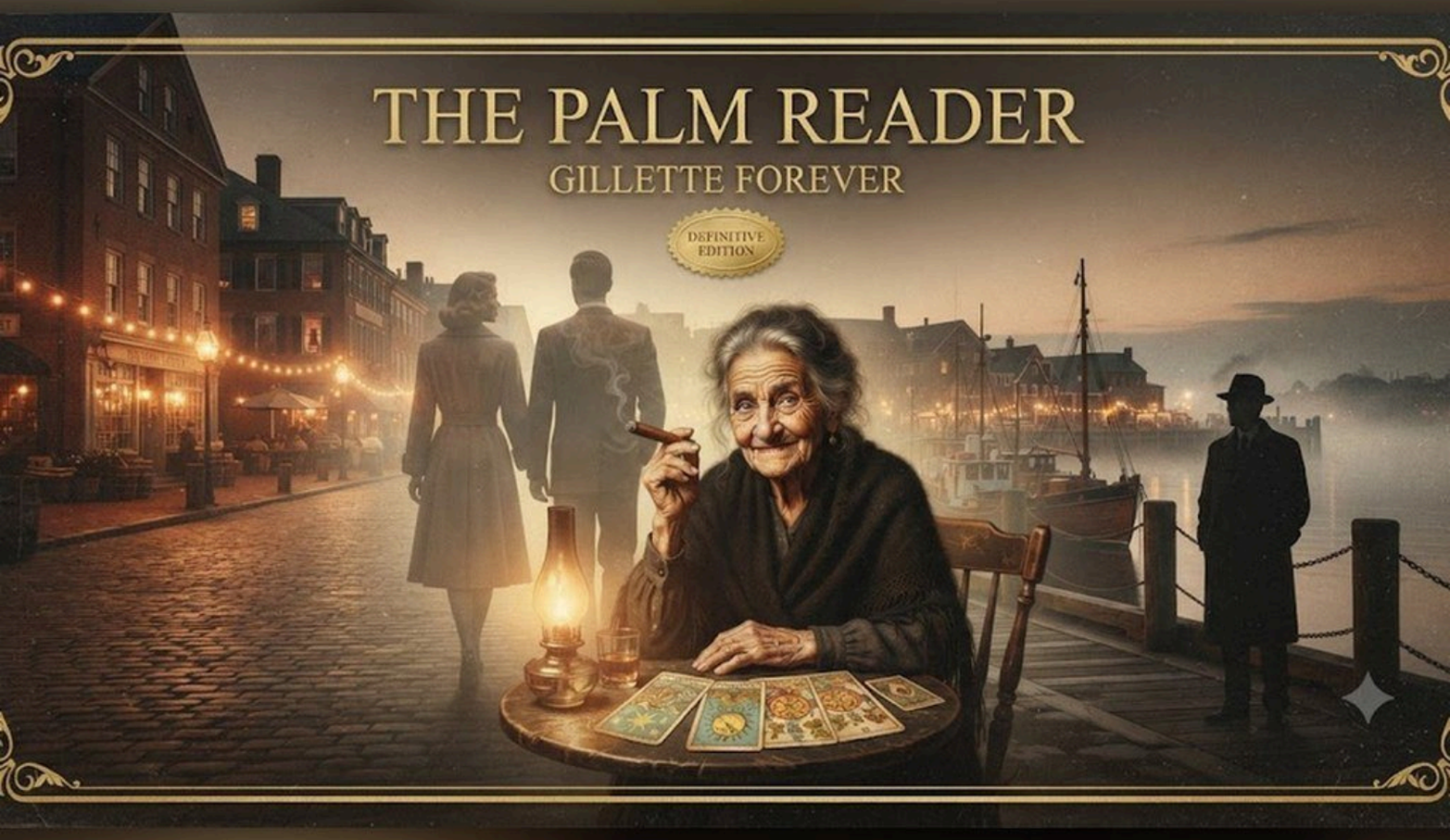
THE PALM READER
GILLETTE FOREVER
DEFINITIVE EDITION

A quiromante de Wall Street — Continuação II

Eu tinha feito meus planos de voltar para Miami.

Seis meses.

Tempo suficiente para descansar, afiar o espanhol e estudar as cubanas de perto.

Elas sempre foram a minha presa favorita.

Entrei num supermercado, e o destino chegou antes do carrinho.

Uma mulher apareceu na minha frente.

Cubana.

Eu a reconheci na hora.
Ela me reconheceu.
Ficou me encarando por alguns segundos.
Depois disse:

“Que diabos você está fazendo aqui?”

“Fazendo compras.”

“Não. Quero dizer na Terra. Você já não devia estar no inferno a esta altura?”

Elogiei o inglês dela.
Impecável.
As melhores mulheres sempre conseguem ser duas pessoas ao mesmo tempo:
doces quando querem informação,
implacáveis depois que a conseguem.

Ela perguntou como eu estava.
Como ia a minha saúde.
Como é que eu ainda estava vivo.
Onde estava a minha mulher.
E, acima de tudo:
“Como você conseguiu continuar jovem e vencer o diabo em pessoa?”

Eu disse que tinha um ônibus para pegar.

Essa parte era verdade.

Não disse para onde.

Me despedi e sumi.

. . .

De volta em casa, adormeci na hora.

No sonho, vi alguém subindo a escada da minha casa na Itália.

Eu o conhecia.

Ou talvez não.

Aí caiu a ficha.

Era ele.

O indiano de Cincinnati.

O da nota de um dólar assinada.

Ele chegou ao último degrau.

Me abraçou.

Sorriu com aquela fleuma britânica que alguns indianos vestem melhor do que os britânicos jamais conseguiriam. Depois me olhou, sério.

“Frega, por favor — onde fica o banheiro?”

Acordei num sobressalto.

Fui procurar a porta do banheiro.

Aí percebi que ainda estava dentro do sonho.

Eu me virei.

A poltrona vermelha estava ocupada.

Ele de novo.

O fantasma de Boston.

Rindo.

“Eu sabia que você não estava com medo. Você é um homem de colhões.”

Depois apontou para alguém ao lado dele.

“Olha quem eu trouxe.”

. . .

Uma mulher alta.

Elegante.

Americana.

Uns quarenta anos.

A postura de uma executiva.

O olhar de quem assina os documentos que acabam com a vida dos outros.

Ela estendeu a mão.

“Copyright Office. Washington D.C.”

Assenti.

“Baita promoção. Como você veio parar aqui?”

“Recebi um e-mail seu.”

“E depois?”

“Li.”

“E depois?”

“Meu coração não aguentou.”

O fantasma caiu na gargalhada.

Eu não.

“Sinto muito.”

“Não sinta.”

“Não, sério.”

“Não, sério — eu também.”

. . .

Ela se sentou.

Estudou o quarto.

Me estudou.

Depois disse:

“Você é o homem que eu esperei a vida inteira.”

“Parece um sistema complicado para conhecer alguém.”

“Foi o melhor que encontrei.”

“Não. Acredite em mim. Não era o melhor.”

Ela ficou calada por um momento.
Então fiz a ela a única pergunta que importava.

“Antes do Copyright Office — onde você trabalhava?”

“Numa multinacional americana. Sabão em pó.”

“Como era?”

“Para bater as metas, você tem que morrer.”

“Como assim?”

“Literalmente. Eles fazem você trabalhar até estourar.”

. . .

Fiquei em silêncio.
Depois sorri.

“Sinto muito, querida.”

“Pelo quê?”

“Você escolheu a dimensão errada.”

“Como é?”

“Na vida, é sempre — e só — uma questão de estilo.”

Apontei para a janela.
A Terra continuava lá fora.
Confusa.
Barulhenta.
Cheia de problemas.

“Eu escuto todo mundo.”

“Até fantasmas?”

“Principalmente eles.”

“Então por que você não vem com a gente?”

“Porque ainda tenho uma coisa para terminar aqui embaixo.”

O fantasma de Boston assentiu.

A executiva baixou os olhos.

Parecia decepcionada.

. . .

Levantei.

Fui até a porta.

Depois me virei.

“A propósito —”

“O quê?”

“Eu também sou do ramo de sabão em pó, por acaso.”

“E daí?”

“Só que eu não espero ninguém morrer para bater as minhas metas.”

O fantasma uivou de tanto rir.

Ela sorriu — pela primeira vez.

Quando abri os olhos de novo, estava sozinho.

Não havia mais ninguém no quarto.

Nenhum fantasma.

Nenhuma executiva.

Nenhum indiano procurando um banheiro.

Só a poltrona vermelha.

Ainda me observando.

Como se já soubesse quem viria na noite seguinte.

Ferdinando Frega